

Jornalismo em situações de desastre: Uma análise do conteúdo do Jornal do Commercio em seu periódico online e perfil no Instagram¹

Andressa Carolina da Silva LIRA²

Caio Gabriel da Silva BEZERRA³

Emerson Saboia PIRES DE SÁ⁴

Ricardo Bezerra de OLIVEIRA FILHO⁵

Dario Brio ROCHA JÚNIOR⁶

Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), Recife-PE

Resumo

As históricas chuvas na Região Metropolitana do Recife, em maio de 2022, preencheram as manchetes em território nacional, em uma pluralidade de formatos. A partir deste caso, e tendo ciência da potencialidade de um veículo de comunicação como ator de mitigação de danos, esse artigo busca analisar o conteúdo produzido pelo Sistema Jornal do Commercio na rede social Instagram e em seu periódico online a fim de identificar particularidades das plataformas, apontando pontos positivos e propondo soluções para os negativos. O presente trabalho utilizará a metodologia de Análise de Conteúdo, desenvolvida pela pesquisadora Laurence Bardin (2011), tendo os estudos sobre Comunicação de Redução de Risco e Desastres (RRD), por Cilene Victor, como referência teórica para a análise do conteúdo descrito. Como resultados, foram observadas áreas onde as apurações de desastres naturais podem ser aprimoradas para promover uma maior cultura de prevenção na população, como um maior equilíbrio entre as falas de representantes do Estado e uma maior cobertura de alertas de chuva.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo RRD; redes sociais; desastres; ambientais; análise de conteúdo.

1. Introdução

Em maio de 2022, o Estado de Pernambuco sofreu uma das piores tragédias da história do local. A falta de preparo público para receber as chuvas, resultou em uma série de problemas que atingiram 29 municípios do estado, deixando cerca de 1085

¹Trabalho apresentado no IJ07 – Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – XVIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Aluna do 7º período de Jornalismo da Unicap. Bolsista PIBIC Unicap/Fasa. andressa.2019205370@unicap.br

³Aluno do 6º período de Publicidade e Propaganda da Unicap. Bolsista PIBIC Unicap fasa. caio.2019204257@unicap.br

⁴Aluno do 7º período de Jornalismo da Unicap. Bolsista PIBIC Unicap/Fasa. emerson.2018201994@unicap.br

⁵Aluno do 8º período de Jornalismo da Unicap. Bolsista PIBIC CNPq. ricardo.2018202202@unicap.br

⁶ Professor do Programa de Pós-Graduação em Indústrias Criativas (PPG Criativas) e dos cursos de Jornalismo, de Publicidade e Propaganda e de Jogos Digitais da Unicap. Pesquisador permanente dos grupos "Createch – Tecnologias Aplicadas ao Desenvolvimento de Soluções e Produtos em Indústrias Criativas" e "Mídia e Cultura Contemporânea", certificados pelo Diretório de Grupos do CNPq. Orientador deste trabalho.: dario.brito@unicap.br

desabrigados, 5988 desalojados e 132 mortes. As consequências das chuvas deixaram rastros que entraram para a história do estado, superando a tragédia que aconteceu em 1975, que deixou 100 pessoas mortas.

Segundo a Agência Pernambucana de Águas e Climas (APAC), entre os dias 27 e 28 de maio choveu o equivalente a 63% de todo o volume de precipitação previsto para todo o mês em apenas 24 horas. Esse fenômeno aconteceu por conta de um sistema climático conhecido como Distúrbio Ondulatório de Leste, que tem como característica o deslocamento da massa de ar do oceano atlântico para o continente.

Mas apesar desse fenômeno ter sido um agravante na tragédia, é importante salientar que o período que fica entre os meses de maio e junho é, naturalmente, de chuva intensa. Porém, todos os anos há casos de alagamento e deslizamento de terra em Pernambuco, principalmente nas áreas de morro da Região Metropolitana do Recife. Em 2021, por exemplo, uma das tragédias que marcou o ano foi o deslizamento de terra no município de Jaboatão dos Guararapes, que resultou na morte de uma família composta por quatro pessoas, pai, mãe, filho e filha, vítimas de soterramento após uma falha na proteção da lona que continha o morro.

Sabendo que anualmente o estado de Pernambuco sofre com as tragédias anunciadas no período de chuvas, é importante que haja reivindicações por políticas públicas nesses locais. Não só após o desastre, mas também antes e durante toda a catástrofe. Tendo em vista o papel social da mídia, indaga-se então: Como o jornalismo pode contribuir para a mitigação desses problemas?

Este trabalho analisou as reportagens do Jornal do Commercio (JC), um dos maiores jornais em circulação do Estado de Pernambuco, e suas publicações em seu perfil oficial no Instagram, que conta com quase aproximadamente 750 mil seguidores. O objetivo foi traçar uma visão sobre a forma como o jornal fez a cobertura, e se o mesmo utilizou os critérios do Jornalismo de Redução de Riscos de Desastres. Sobre Jornalismo RRD, afirma Victor (2015):

Entre as diversas ferramentas de RRD está a comunicação de riscos, cujos objetivos são reduzir o medo e a ansiedade das pessoas, promover e divulgar informações adequadas, com linguagem adaptada a cada audiência, e disseminadas no tempo e nos canais igualmente adequados, contribuir para a comunicação dialógica entre os diversos atores sociais, amparada na credibilidade e na confiança entre as partes, e, especialmente, devolver às comunidades mais expostas aos riscos o direito de participar das tomadas de decisão que dizem respeito às suas vidas. Esses objetivos, portanto, extrapolam o papel social do jornalismo, especializado ou não na cobertura de questões científicas como as mudanças climáticas. (VICTOR, 2015. p.3)

Além da avaliação das publicações em meio as históricas inundações de maio de 2022, o trabalho também teve como mote identificar e comparar os pontos positivos de cada formato e, ao mesmo tempo, traçar caminhos para uma possível aprimoração dos negativos, fornecendo uma visão das potencialidades comunicacionais dos jornais tradicionais em cenários de desastre na capital pernambucana.

2 JORNALISMO RRD E ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO

De acordo com o relatório divulgado em novembro de 2015 pelo Centro de Pesquisas de Epidemiologia em Desastres (CRED) e o Escritório das Nações Unidas para a Redução de Desastres (UNISDR), o Brasil é o único país das Américas que está na lista dos dez países com maior número de pessoas afetadas por desastres entre os anos de 1995 a 2015. Além disso, segundo os dados do EM-DAT (International Disaster Database), - um banco de dados que analisa calamidades em todo o mundo utilizando o mesmo critério para todas as nações - aconteceram 863 ocorrências de desastres ambientais na América Latina no período entre 1960 a 2009. Dessas, 80% foram de catástrofes hidro meteorológicas e climáticas.

Tendo em vista o importante papel social do jornalismo, é crucial compreender que há uma responsabilidade de criar narrativas e noticiar esses fatos. Segundo Mike Ball (2001), um texto narrativo é uma história que se conta através da linguagem e que se converte nos signos linguísticos. No jornalismo, é possível ter várias narrativas que contam uma mesma história. O jornalismo atual está repleto de subjetividade, principalmente nos momentos em que é necessário dar uma notícia “difícil” para a população. Por exemplo, quando algum repórter quer notificar uma decisão difícil de algum governante, logo aparecem entrevistas de pessoas relatando o quanto aquilo seria prejudicial para elas. Motta (2006) vai chamar esse fenômeno de *hard news* com um pouco de *soft news*, que é para suavizar a notícia difícil que foi dada anteriormente, fazendo com que o telespectador se aproxime mais da narrativa.

No que tange desastres ambientais, podemos destacar o Jornalismo de Redução de Risco de Desastres (RRD), que propõe utilizar o seu papel social para criar narrativas que mitiguem possíveis catástrofes ambientais. Cilene Victor (2015), pesquisadora da área, comenta que o Jornalismo RRD deve atuar de forma multifatorial, analisando todo o contexto em que acontece aquele desastre. Acerca disso, ela discorre:

Quando falamos em RRD, há uma série de atores sociais envolvidos, que tornam-se interlocutores de mensagens e processos comunicacionais. No Brasil, as defesas civis, municipais, estaduais e a nacional, são as instituições públicas protagonistas das ações de RRD e, portanto, um dos interlocutores da comunicação de riscos de desastres. Do outro lado do processo, não isoladamente, estão as comunidades, as populações diretas ou indiretamente relacionadas ou expostas a um determinado risco. Como a problemática dos desastres é multifacetada, outros atores sociais também atuam na RRD e na comunicação de riscos, como as instituições públicas das áreas de saúde, educação, defesa, meio ambiente e ciência, assim como o setor privado. A comunicação entre esses diversos interlocutores não ocorre em um só momento, ou seja, ela não pode ser vista como um único processo, mas sim como resultado de vários outros processos interligados, basicamente representados nos modelos de CRD intrainstitucional, interinstitucional, midiático e comunitário. (VICTOR, 2015. p.11)

É importante salientar que o risco é algo que antecede o problema, um alerta que precede a concretização da tragédia. Logo, é importante que o jornalista atue nesse período a fim de amenizar e prevenir a população do desastre. Ao mesmo tempo, o trabalho do jornalista não deve se resumir apenas aos termos técnicos e acadêmicos dos assuntos relacionados à natureza, mas sim em incluir a própria população na captação e produção de notícias.

O Jornalismo RRD vem como um importante aliado no que diz respeito à mitigação de desastres ambientais, pois oferece uma troca de informações, conhecimentos e percepções com diversas populações, principalmente aquelas mais vulneráveis aos riscos. Essa comunicação de riscos vem justamente com o intuito de formar uma ponte para que haja um diálogo objetivo, impedindo que surjam rumores e desorientação, fomentando o alarde e medo entre a sociedade.

3. IMPRESSO VS REDE SOCIAL

Ambas as mídias previamente citadas por esse trabalho, possuem, em sua essência, diferentes tipos de abordagens em sua produção textual e, por consequência, na forma no qual o conteúdo é consumido pelo público. Em meio a mais recente de suas metamorfoses, o jornalismo se encontra em um período de adaptação a um novo modelo de negócio, que busca, em seus processos, abraçar ainda o âmbito digital. Este movimento se iniciou com o surgimento de tecnologias propícias à troca de informações entre indivíduos, criadas na década de 60 do século XX e popularizadas no início do século XXI principalmente com as redes sociais.

Em sua obra “Sociedade em Rede”, Castells (2009), promove uma análise de como a chegada destas novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) proporcionou mudanças no âmbito socioeconômico de nossa sociedade. Segundo o autor, o fluxo comunicacional tornou-se o protagonista no processo de produção, divulgação e consumo da informação, e, com isso, assumiu um papel fundamental na construção das relações na atualidade.

Ao transformarem os processos de processamento da informação, as novas tecnologias da informação, agem sobre todos os domínios da atividade humana e possibilitam o estabelecimento de conexões infinitas entre diferentes domínios, assim como entre os elementos e agentes de tais atividades. Surge uma economia em rede profundamente interdependente que se torna cada vez mais capaz de aplicar seu progresso em tecnologia, conhecimentos e administração na própria tecnologia, conhecimentos e administração. Um círculo tão virtuoso deve conduzir à maior produtividade e eficiência, considerando as condições corretas de transformações organizacionais e institucionais igualmente drásticas. (CASTELLS, 2009. p. 120)

Em um cenário onde o conhecimento não é mais transmitido de forma linear e sim através de uma rede de conexões, o jornalismo também sofre mudanças em sua identidade, perdendo a exclusividade na produção e distribuição de informações, assim como o controle de quais assuntos pautam o cotidiano da sociedade. Porém, em contrapartida, passa a atuar de uma forma dinâmica e adequada ao consumo na web, promovendo a interatividade e convergência. (MORENO, 2017).

Tal mudança traz consigo benefícios como a aproximação do jornalista com o público e uma maior agilidade na publicação do conteúdo, porém, ao mesmo tempo, deixa o produtor vulnerável à atuação dos algoritmos digitais que, silenciosamente, atuam no intercâmbio de informações com o objetivo de fornecer ao usuário assuntos que sejam de seu interesse. Essa intervenção pode gerar bolhas de filtragem, (LUDWIG et al, 2017) e falhas no fluxo comunicacional, limitando assim o alcance de seus conteúdos.

A partir dessa adequação ao algoritmo da rede social, assim como sua característica mais dinâmica no conteúdo, nasce a necessidade de um texto mais curto e objetivo em comparação com o do jornal impresso tradicional. No caso do Instagram, uma mídia focada em imagens, o texto acaba assumindo um papel secundário na transmissão de informação. Em média, uma postagem do Jornal do Commercio na rede social possui apenas três parágrafos de texto, que concentram o maior número de

informações possíveis do fato relatado. contrapartida, o volume de conteúdo produzido e divulgado acaba superando o periódico pela liberdade temporal de publicação.

No caso do SJCC, tanto o conteúdo presentes nos *posts* da rede social, quanto às matérias nos cadernos de seu periódico digital possuem interações com o Portal NE10, onde é concentrada a principal produção de notícias do conglomerado. Com isso, a mídia social do jornal realiza primariamente o papel de divulgação e relato das informações iniciais, enquanto que o periódico digital foca no aprofundamento e contextualização.

4. METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos por este estudo, foi definido que a melhor abordagem a ser utilizada seria a de uma pesquisa documental de caráter qualitativo. Para a realização da avaliação do conteúdo presente no periódico, foi considerada apropriada a utilização da metodologia de Análise de Conteúdo, desenvolvida pela pesquisadora e comunicadora Laurence Bardin (2011), por fornecer as ferramentas necessárias para analisar qualitativamente a abordagem dos textos jornalísticos.

Além de acrescentar uma visão sobre a cidade do Recife e sua urbanização, a pesquisa documental também nos serviu neste trabalho para uma melhor compreensão do social atrelada com a questão temporal (Cellard, 2008). Ou seja, torna-se relevante fomentar o caminho para uma análise mais apurada do diálogo entre o objeto de estudo e as comunidades em áreas de risco de desastre. Cellard (2008) discorre que a análise documental qualitativa favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, assim como conceitos, conhecimentos, comportamentos e práticas. Ao analisar o conteúdo das edições será possível estabelecer um pensamento crítico sobre a forma com que os desastres são anunciados imediatamente após sua ocorrência, assim como seus efeitos na sociedade.

A escolha pelo Jornal do Commercio como objeto de estudo foi influenciada, principalmente, pela sua tradição como um dos principais veículos no cenário jornalístico da RMR, assim como sua presença no cotidiano da população. Além disso, na posição de conglomerado de mídia, possui à sua disposição ferramentas ideais para fornecer um conteúdo RRD de qualidade para a população. Os textos separados foram escolhidos por se encontrarem entre as datas de 25 a 30 de maio, possibilitando uma

avaliação de seu conteúdo nos três principais momentos de um desastre: O pré-evento (I); o evento (II); e pós-evento (III) (NETO, 2000). No total, foram coletadas cinco edições do periódico, totalizando 17 matérias.

Na etapa de pré-evento (I), ou seja, os momentos que antecedem uma ocorrência, são realizados processos de prevenção, através de atividades para reduzir os futuros possíveis prejuízos. Durante o evento (II), são realizadas ações emergenciais de resposta, durante e logo depois de ocorrência de desastre. Por fim, o pós-evento (III), engloba a etapa de Reconstrução, onde é realizada restauração do local atingido e/ou reconstrução e/ou compensação dos prejuízos (KOBAYAMA, 2006. *Apud*; NETO, 2000).

Antes de iniciar o processo de análise de conteúdo, fez-se necessário, antes, uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório (GIL, 1991), com o objetivo de levantar autores que, com seus devidos trabalhos sobre prevenção de risco e desastre, fundamentaram o processo de avaliação qualitativa. Com este fim, foi realizada uma pesquisa nos portais de periódicos Capes e Google Scholar a partir dos seguintes temas “guarda-chuvas”: (a) Desastres Naturais, (b) Meio Ambiente, (c) Comunicação de Redução de Risco e Desastres (RRD) e (D) Vulnerabilidade e jornalismo cívico.

A metodologia da Análise de Conteúdo se desenvolveu com a junção das contribuições de diversos autores ao longo do século XX, que forneceram suas devidas particularidades no processo com seus trabalhos. Porém, a fim de guiar o processo de avaliação presente neste trabalho, será utilizado a técnica exposta pela pesquisadora Laurence Bardin (2011).

Na prática, todo o processo metodológico é dividido em três grandes fases, a pré-análise, onde é realizado todo o planejamento do projeto, desenvolvendo as ideias iniciais, coleta do material e a elaboração de um plano de análise a ser desenvolvido. Após os primeiros passos serem dados, se inicia a etapa de exploração material, que representa a avaliação propriamente dita do material coletado tendo como base os princípios estabelecidos na fase anterior. A última grande fase é o tratamento dos resultados obtidos, onde será realizada a interpretação da análise em si, utilizando-se de tabelas, figuras e sistematizações dos dados coletados. Em seu trabalho, Laurence Bardin estruturou em cinco as principais etapas presentes na metodologia da análise de

conteúdo: *A Organização da Análise (1); A Codificação (1); A Categorização (3); a Inferência (4) e o Tratamento Informático (5).*

No processo de Organização da Análise, logo após a definição do objeto de estudo, foi definido as mídias a serem observadas, que, no caso dessa pesquisa, seria o jornalismo impresso tradicional e postagens em redes sociais, assim como o período de publicação dos conteúdos a serem analisados, sendo entre os dias 25 a 30 de maio. A escolha pelo citado intervalo temporal tem como principal intuito de observar as frequências, temas e tópicos das produções em cada período temporal da tragédia.

A partir destas definições, foi dado início a uma leitura flutuante do conteúdo produzido pelo Sistema Jornal do Commercio de Comunicação (SJCC), com o objetivo de identificar e separar as produções com os temas relacionados às chuvas, alagamentos e deslizamentos na Região Metropolitana do Recife. No caso do conteúdo disponível no periódico online, foi feita a divisão em três categorias principais, definidas a partir da ligação das matérias com as diretrizes estabelecidas pela comunicação RRD. Esse processo tem como objetivo facilitar a compreensão da diversidade textual presente no periódico estudado, reunindo o material em grupos semelhantes e promovendo uma organização no momento de sintetização dos dados. Dito isso, as três categorias estabelecidas foram “Inadequada”, “pouco adequada” e “adequada”. A escolha das categorias foi montada com base na quantidade de elementos RRD que o texto possui em seu corpo. Foram sete elementos principais escolhidos para englobar a avaliação e organizados em uma ficha de análise para facilitar a categorização. Dialoga com a população (1); esclarece o problema (2); Aponta soluções (3); Promove a mitigação de danos (4); Dialoga com fontes científicas; Dialoga com órgãos oficiais e alerta a população.

Já no Instagram, foram 72 postagens coletadas no período presente no espaço de tempo referido. Tais elementos constituíram o principal *corpus*. A partir do material coletado, foi realizado um processo de categorização. Foi feita uma separação a partir do tema central abordado em seu texto e arte de divulgação, em busca de, assim, compreender o fluxo de conteúdo presente em uma ocorrência. Os principais temas encontrados foram: Alertas (1); *Editorial (Charges) (3); Editorial (Coluna) (3); Ações de resposta (4); Relato de desastres (5); dados (6); e Denúncias (7).*

Após a Categorização, já com os resultados em mãos, foi realizada uma inferência destes dados com o referencial teórico levantado, para assim alcançarmos conclusões consistentes e que englobam os objetivos propostos por esta pesquisa. Como tratamento infográfico, foi utilizada a ferramenta do Excel para a organização e interpretação dos dados levantados e Google Drive para o registro e armazenamento do corpus.

5. RESULTADOS

Após a categorização do conteúdo, foram observadas algumas características que são compartilhadas entre as mídias e, ao mesmo tempo, diferentes abordagens em sua divulgação. A principal diferença está relacionada com a questão temporal das produções, no instagram, muitas vezes, o tema central de uma postagem se repete mais de uma vez ao dia, resultando em mais de um post sobre o mesmo assunto. Isso é comum pelo alto fluxo de informação presente em um desastre, que atualmente é acompanhado quase em tempo real pelo consumidor final, muito pela conectividade presentes nas redes sociais.

O jornal impresso serve como um condensamento dos principais elementos do fato ocorrido no dia anterior, com o objetivo de aprofundar e ampliar a discussão em torno do fenômeno. Em caso de um evento de grande porte como a tragédia das fortes chuvas de 28 de maio na Região Metropolitana, o formato editorial presente pode sofrer alterações. Foi o caso da edição de 29 de maio, onde grande parte do conteúdo abordando os deslizamentos, enchentes e inundações estavam presentes na editoria JC Urgente, ao invés de Cidades. Isso faz com que muitas das reportagens se conectem entre si, onde caso um elemento falte em uma produção, o mesmo seja complementado por outra.

5.1 Instagram

No total, foram analisadas 72 postagens ligadas a desastres hídricos na Região Metropolitana do Recife no perfil do Jornal do Commercio no Instagram, publicadas entre os dias 25 e 30 de maio. Nesse intervalo de tempo, chama a atenção a frequência de conteúdo presente no dia 28, o primeiro dia da tragédia, representando um terço do total de publicações no período estudado, com 24 postagens. O valor é superior aos três dias anteriores somados, com 22, e apenas um pouco menor do que os dois posteriores,

com 26. Entre os principais temas abordados estão a ação do Corpo de Bombeiros e Defesa Civil, com nove postagens e relatos de deslizamentos e enchentes, com 11.

Tabela 2 - Número de postagens no Instagram por dia

Dia	Posts
25 de maio	11
26 de maio	4
27 de maio	7
28 de maio	24
29 de maio	12
30 de maio	14
Total	72

Fonte: Autoria própria

Esse número revela um foco da editoria no conteúdo imediatamente após o desastre ocorrer, mesmo em época propícia a fortes chuvas na região. A quinta-feira, 26 de maio, foi o dia com o menor volume de postagens com ligações a chuva, com apenas quatro, composto por um alerta da Agência Pernambucana de Águas e Clima (APAC), uma charge, e dois relatos de inundações.

Aproximadamente 20% do total de publicações foram registros de falas de líderes governamentais, enquanto que 13.8% divulgaram alertas climáticos para a população. Postagens sobre a ações de respostas e novos desastres somam cerca de 61% do total. 12.5% foram dados sobre o número de vítimas e índices pluviométricos e aproximadamente 8% representam postagens editoriais, como colunas e charges.

Tabela 3 - Temas de postagens no instagram do JC entre 25/05 e 30/05

Temas	Aparições
Alertas	10
Editorial (Charges)	3
Dados	9
Ações de resposta	21
Relatos de desastre	23
Editorial (Colunas)	3
Denúncias	3
Total	72

Fonte: Autoria própria

Outro ponto que chama a atenção é o baixo número de postagens com o caráter de denúncia da infraestrutura da população em meio a ocorrência das tragédias, com apenas 4%. Após a ocorrência dos desastres, houveram nove matérias de serviço social, divulgando números da defesa civil, endereços de abrigos e arrecadações. Quatro postagens tiveram a presença de algum especialista acadêmico e 25 possuíam a fala de um órgão oficial do Estado. No total 44 das 72 postagens tiveram algum elemento RRD presente em seu corpo textual.

5.2 Jornal Digital

Finalizada a análise das 17 matérias que compunham o *corpus* coletado do periódico online, foi observado que, quando postos sobre o olhar da comunicação RRD a grande maioria dos textos, aproximadamente 65%, presentes no Jornal do Commercio são pouco adequados ao processo de mitigação e redução de risco desastre. Apenas três, ou cerca de 17%, representam o número de matérias adequadas ou inadequadas no periódico.

O maior volume de textos produzidos deu-se início a partir da edição do dia 29 de maio, com seis matérias, a primeira após a tragédia na Região Metropolitana do Recife, com as produções deste dia aparecendo no caderno JC Urgente. Esse movimento perdura para a edição do dia 30, onde há uma extensa cobertura das ações de respostas aos desastres vindos da Defesa Civil e Corpo de bombeiros, além de uma atualização frequente do número de vítimas e áreas atingidas pelo alto volume de água e deslizamentos na RMR. As reportagens presentes nas folhas digitais do JC no período entre 25 a 30 de maio de 2022 possuíam em média 3.2 elementos RRD em seu corpo, quantia considerada insuficiente para a fomentação de uma cultura de prevenção.

A diretriz da comunicação RRD mais presente foi a representação do contato com órgãos oficiais, onde 15 de 17 matérias possuem alguma fala ou nota oficial de um representante do Estado e/ou órgão responsável pela infraestrutura, clima e segurança dos habitantes. Em contrapartida, o diálogo com fontes científicas como pesquisadores e especialistas acadêmicos só foi realizado em dois dos textos analisados. Outro ponto importante a ser destacado é que o número de matérias que continham pelo menos uma fala da população não é maioria no total, com apenas sete produções. Ademais cinco textos do total analisado, foram utilizados para divulgar os números da Defesa Civil, Corpo de Bombeiros e/ou prefeituras.

Tabela 4 - Balanço de elementos RRD no corpus

Elementos	Número
Aponta os atores que influenciaram o evento	7
Aponta soluções para o caso	4
Promove a mitigação de danos	8
Dialoga com fontes científicas	2
Dialoga com órgãos oficiais	15

Dialoga com a população	7
Busca alertar a população	12

Fonte: Autoria própria

Um destaque vai para a matéria "Tragédia anunciada, descaso previsível", do jornalista Igor Maciel, presente na edição de 29 de maio de 2022. O texto assume em seu corpo um tom mais crítico e autoral, apontando as falhas no planejamento urbano e a recorrência do acontecimento na RMR. Com isso, faz um bom papel de cobrar os órgãos oficiais, responsáveis pela manutenção da infraestrutura, uma melhor qualidade de vida para a população, falhando apenas em não possuir em seu texto uma fala do público. Além disso, é válido evidenciar também as matérias da jornalista Katarina Moraes, que possuíam, em média, cinco elementos da comunicação RRD em cada texto produzido.

6. CONCLUSÃO

Os conteúdos produzidos pelo SJCC, mesmo que diferem na plataforma em que é complicado, compartilham de falhas semelhantes que podem ser aprimoradas com uma melhor adoção das diretrizes da comunicação RRD em seus textos. A primeira é uma das mais necessárias para aprimorar a mitigação em áreas de risco é a baixa recorrência de produções com o tema de desastres, mesmo em época de fortes chuvas na reunião. Tanto no Instagram, quanto no periódico online, o número de textos abordando o assunto mais que duplicou após a ocorrência de uma tragédia de grande porte.

A persistência no assunto é fundamental para a criação de uma cultura com o caráter preventivo no dia a dia da população. Relatar apenas alertas de chuvas, mesmo sendo um importante movimento, acaba ocultando um cenário de fragilidade social ocasionado por anos de descaso com a infraestrutura urbana e expansão territorial mal planejada. É necessário um aumento no número de posts e/ou matérias com denúncia sobre vulnerabilidade local, com falas da população incluídas no corpo textual, para que assim, os habitantes possam ser representados e exigir melhorias aos representantes do Estado.

Outro ponto fundamental é a alta dependência das fontes oficiais em suas produções textuais. Cerca de 88% das matérias e 34% das postagens analisadas possuíam uma nota oficial ou uma fala de um órgão do Estado. Apesar de necessárias a fala do poder público, o excesso de produções construídas no entorno de apenas uma declaração prejudica a transmissão de informações de um desastre, principalmente por limitar a visão do ocorrido apenas ao olhar da Prefeitura, Defesa Civil e Corpo de Bombeiros. A fala oficial deve ser colocada no texto em conjunto com algum tipo de representação popular, em busca de fornecer respostas ao problema representado e, assim, evidenciar com clareza planos de ações de resposta.

Um ponto positivo foi a presença de publicações com o intuito de prestar um serviço social, ao divulgar locais de abrigo, arrecadações e números úteis para a população em uma situação de desastre. Esse movimento pode ser aprimorado ao incluir, em todas as postagens do tema, informações úteis de contato, ao invés de apenas em alguns. Em comparação com as publicações no periódico, as postagens na Rede Social possuem outra vantagem perante o periódico além da questão temporal, a resposta imediata do público e a possibilidade de edição do conteúdo publicado. Apesar de possuir essas potencialidades, o perfil do SJCC não faz uso completo de sua seção de comentários, com poucas ou nulas interações.

Outra questão importante para a criação de um conteúdo mais propício a redução de riscos é a redução no destaque fornecido para a dor dos habitantes atingidos pela chuva. Esse fenômeno é visto primariamente nos textos presentes nas edições do jornal online, que em sua maioria possuem como principal ponto focal as dificuldades passadas pela população sem fornecer caminhos para a mesma. Apenas quatro das 17 matérias publicadas apresentavam algum tipo de solução para o problema.

Por fim, foi observado que, embora existam falhas em ambas as plataformas, o jornalismo como uma ferramenta de prevenção de risco e desastre naturais é melhor utilizada, na maioria dos casos na rede social em comparação ao periódico online, pelo seu alto volume de postagens em situações de calamidade e seu impacto imediato no consumidor, que oferecem uma maior gama de possibilidades e um fluxo de informações mais ágil. Porém mesmo em formatos distintos muito do conteúdo publicado pelo SJCC, compartilham dos mesmos problemas e ausências em seu conteúdo, expondo uma necessidade de mudança na linha editorial de sua redação como

um todo, para assim, usufruir de todo o seu potencial como veículo de comunicação de massa.

7. REFERÊNCIAS

NETO, Sílvio Luís Rafaeli. **Um modelo conceitual de sistema de apoio à decisão espacial para gestão de desastres por inundações**. 2000. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. . Acesso em: 01 jul. 2022.

KOBIYAMA, Masato. **Prevenção de desastres naturais: conceitos básicos**. Curitiba. Organic Trading. p. 109. 2006

GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1991.

MIEKE, bal, **Teoria de la narrativa**, Cátedra, Madrid. 2001

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede – A Era da Informação: economia, sociedade e cultura**. Vol.1. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

MACHADO, Elias. MARCOS, Palacios. Modelos de jornalismo digital. Salvador: Calandra (2003): 161-186.

MORENO, José. **Os desafios do jornalismo na sociedade em rede**, Iscte, 2018. 17 slides, color. Disponível em: <https://ciencia.iscte-iul.pt/publications/os-desafios-do-jornalismo-na-sociedade-em-rede/55252>. Acesso em: 11 jul. 2022.

VICTOR, Cilene. **Comunicação de riscos de desastres no contexto das mudanças climáticas: muito além do jornalismo**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 2015. p. 21-40.